

Uma Grande Figura da Democracia Portuguesa

por Mário Soares

Passam hoje vinte anos sobre a morte inesperada de Carlos Alberto da Mota Pinto, professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, político de grande destaque da nossa II República e líder do PSD num momento particularmente difícil da vida política portuguesa.

A sua morte surpreendeu-me e causou-me imensa tristeza. Fui seu grande amigo e companheiro sem mácula de lutas políticas. Apesar de termos pertencido a partidos diferentes. O País tinha ainda muito a esperar do seu talento, da sua experiência política acumulada, desde a Revolução dos Cravos, do seu idealismo, do seu pensamento de verdadeiro social-democrata e da sua devoção ao serviço público. Morreu muito novo: com 49 anos!

Mota Pinto foi deputado às Constituintes pelo então PPD, onde se destacou pela sua excepcional formação jurídica, pela sua afabilidade pessoal e pela sua inteligência política. Companheiro de Sá Carneiro, fundador do PPD, foi um dos deputados que saíram do partido no que julgo ter sido a primeira cisão, acompanhado por Jorge Sá Borges, Emídio Guerreiro e José Augusto Seabra. Na altura, tratou-se de uma cisão pela esquerda do PSD. Na sequência dessa cisão viria mais tarde a da ASDI, com muito maior número de deputados.

Foi, depois, ministro do Comércio e Turismo do I Governo Constitucional (1976-1978) a que tive a honra de presidir. Meses depois, em 1978/79 foi, designado primeiro ministro no IV Governo chamado de "iniciativa presidencial", no tempo do Presidente António Ramalho Eanes, de quem era amigo. Tratou-se, no entanto, de um governo breve, sem apoio explícito dos partidos com assento na Assembleia da República, como aconteceu antes com o curto governo de que foi primeiro ministro o eng^o. Nobre da Costa. Sucedeu-lhe Maria de Lourdes Pintassilgo com a indicação expressa do Presidente da República, de formar um Governo para realizar eleições.

Foi Sá Carneiro que ganhou brilhantemente essas eleições tendo formado um Governo de Coligação com o CDS, os Renovadores (cisão do PS) e o Partido Popular Monárquico, dirigido então pela figura sempre respeitada de Gonçalo Ribeiro Teles. Sá Carneiro morreu, no entanto, em 4 de Dezembro de 1980, durante a campanha presidencial, no desastre de Camarate, o que constituiu uma enorme comoção nacional ainda hoje não completamente extinta. O partido ficou orfão, como é natural. Francisco Pinto Balsemão sucedeu a Sá Carneiro, como primeiro ministro e como líder do Partido, num momento singularmente difícil, tanto do ponto de vista económico como político. Teve de enfrentar várias intrigas e conspirações vindas, algumas, do interior do seu governo. Farto, demitiu-se depois de umas eleições autárquicas que nem sequer terão sido especialmente gravosas para o PPD.

Mota Pinto reentra no Partido, vindo a suceder a Pinto Balsemão na sua liderança. Antes, no Congresso de Montechoro, já integrava uma "troika" directiva com Eurico de Melo e Nascimento Rodrigues e, logo a seguir, em Março de 1983, no XI Congresso, que se realizou em Braga, foi eleito Presidente do PPD.

Houve, entretanto, eleições gerais. Foi ainda durante essas eleições, em que o PS e o PPD concorriam como rivais, que me encontrei, discretamente, em casa de um amigo comum, Daniel Proença de Carvalho, com Mota Pinto, para falarmos, olhos nos olhos, do futuro de Portugal. Estava confiante que o PS ganharia as eleições, mas como tudo tinha sucedido com enorme rapidez e no meio de alguma confusão política, temia que não ganhasse por maioria absoluta. Os eleitores, chamados a votar, não terão tido suficiente tempo de maturação.

Fosse porém como fosse, a minha ideia é que dada a posição crítica do País - no plano financeiro, mas não só - tinha chegado a hora dos dois maiores partidos portugueses aceitarem repartir entre si as responsabilidades, formando um governo capaz de tomar as medidas impopularíssimas necessárias para equilibrar as finanças públicas e permitir a adesão de Portugal à então Comunidade Económica Europeia (CEE), factor de estabilização essencial, quer para o desenvolvimento, a prazo, do País quer mesmo, no domínio político, visando a consolidação da democracia.

Verifiquei, com enorme prazer, que Carlos Mota Pinto fazia uma análise crítica semelhante da situação e concordava - em princípio - com a estratégia a seguir. Faltava apenas saber qual dos dois partidos ganharia as eleições. Foi o PS, mas por uma maioria relativa. Foi assim que, em conversas posteriores, nasceu, não sem grandes dificuldades na composição da equipa, o tão caluniado (depois) Governo do Bloco Central, no qual Mota Pinto aceitou ser Vice-Primeiro- Ministro e ministro da Defesa e a que eu presidi. Foi um Governo duro, que ousou pedir ao eleitorado sacrifícios sérios mas com sentido, o que permitiu, num prazo razoável, como se sabe, o equilíbrio das finanças públicas (sem artifícios), se impôs no plano internacional e negociou, de cabeça levantada e em boas condições, a adesão de Portugal à CEE. Esta, que constitui uma data maior da nossa história contemporânea, ocorreu em 12 de Junho de 1985, poucos meses depois de Mota Pinto ter saído do Governo e escassos dias depois da sua súbita morte, em 7 de Maio de 1985.

Foi durante o período de mais de dois anos que durou o Governo PS/PPD que estabelecemos, entre nós, uma sólida amizade e uma exemplar camaradagem política, baseada na confiança mútua e na absoluta lealdade. Nunca tivemos um choque sério que afectasse o nosso relacionamento. Houve inúmeras intrigas e tentaram, do interior dos dois partidos, pôr-nos cascas de banana. Sem o nosso excelente relacionamento teríamos soçobrado rapidamente. Tudo foi superado. Mota Pinto era um político com um grande sentido da lealdade e do interesse nacional, que sempre pôs acima dos interesses partidários conjunturais. Foi isso que nos valeu.

Espero, noutra altura, ter tempo para reflectir e escrever, de modo mais aprofundado, sobre essa experiência tão difícil da nossa vida pública, atacados como foram os dois partidos do centro esquerda (PS) e do centro direita (PPD) pela direita e pela esquerda e com muitos quadros reticentes no interior de ambos. Hoje, numa efeméride triste, trata-se apenas de evocar, com respeito e saudade, a memória de um português de excepção com enorme sentido do interesse pátrio: Carlos Alberto Mota Pinto. Um político de grande envergadura, com muita pouca paciência para as tricas e exigências partidárias... Não esquecendo os slogans escritos nas ruas das cidades de Portugal, alguns ainda subsistem, que tanto nos uniram e fizeram rir: "Soares Pinto, rua!" Lembram-se...?

Lisboa, 7 de Maio de 2005